

O primeiro Gabinete de História Natural do Brasil (“Casa dos Pássaros”) e a contribuição de Francisco Xavier Cardoso Caldeira

Bruno Araujo Absolon *
Francisco José de Figueiredo #
Valéria Gallo ^δ

Resumo: Em 1784, o 12º vice-rei do Brasil, Luís de Vasconcelos e Sousa, criou o primeiro Gabinete de História Natural do Brasil e das Américas – a “Casa dos Pássaros”, precursor do Museu Nacional. Tratava-se de um galpão, situado à antiga Rua da Lampadosa, no qual animais, particularmente aves, eram alvejados a tiros (daí o seu nome “Casa dos Pássaros”) e posteriormente taxidermizados, expostos ou remetidos para Portugal. Para a direção do Gabinete, o vice-rei nomeou o hábil taxidermista catarinense Francisco Xavier Cardoso Caldeira (?-1810), o “Xavier dos Pássaros”, que ocupou este cargo por 20 anos. Em 1813, a “Casa dos Pássaros” teve seu fim decretado e o material que restou serviu para compor o acervo do Museu Nacional. Neste estudo, reavaliamos a localização da “Casa dos Pássaros” e sua relação com o terreno do Real Erário. Além disso, contextualizamos a “Casa dos Pássaros” no âmbito dos primeiros gabinetes de história natural e ressaltamos a importância da contribuição de Francisco Xavier Cardoso Caldeira para o início da taxidermia no Brasil, destacada em diversas correspondências do vice-rei com a corte.

* Laboratório de Sistemática e Biogeografia, Departamento de Zoologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PHLC, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, CEP 20550-013, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: absolonbruno@gmail.com

Laboratório de Ictiologia, Departamento de Zoologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, CEP 20550-013, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: ffig2017@gmail.com

^δ Laboratório de Sistemática e Biogeografia, Departamento de Zoologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PHLC, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, CEP 20550-013, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: gallo@uerj.br

Palavras-chave: gabinete de história natural; Xavier dos Pássaros; Caldeira, Francisco Xavier Cardoso; taxidermia, coleção

The first Cabinet of Natural History in Brazil (“Casa dos Pássaros”) and the contribution of Francisco Xavier Cardoso Caldeira

Abstract: In 1784, the 12th viceroy of Brazil, Luís de Vasconcelos e Sousa, created the first Cabinet of Natural History in Brazil and Americas, the “*Casa dos Pássaros*”, that would later become the *Museu Nacional*. It was a single-story house, located at the ancient Lampadosa Street, in which animals, in special birds, were shot (the origin of the name “Casa dos Pássaros”) and later taxidermized and exhibited or sent to Portugal. For the direction of the Cabinet, the viceroy named Francisco Xavier Cardoso Caldeira (?-1810), who was born in Santa Catarina, called “Xavier dos Pássaros”, an expert in taxidermy. Xavier was director of the Cabinet for 20 years. In 1813, the “Casa dos Pássaros” closed by a decree, and the remnant material was used to compose collections of the National Museum. In this study, we reassessed the location of the “Casa dos Pássaros” and its relationship with the *Real Erário*. Besides, we contextualized the “Casa dos Pássaros” in the framework of the first cabinets of natural history and highlighted the importance of the contributions of Francisco Xavier Cardoso Caldeira to the early taxidermy in Brazil, remarked in the correspondence between the viceroy and the court.

Key words: cabinet of natural history; Xavier dos Pássaros; Caldeira, Francisco Xavier Cardoso; taxidermy; collection

1 INTRODUÇÃO

1.1 Os primeiros Gabinetes de Curiosidades e as Coleções

Excetuando-se o inusitado “museu” do imperador Otávio Augusto (63-14 d.C.), na Ilha de Capri (Mayor, 2000), pode-se dizer que os primeiros museus de história natural foram um capricho da Renascença (1400-1600) (Whitehead, 1970, 1971). No século XVI, começaram a surgir nas cortes de príncipes e nobres italianos coleções de diversos tipos, conhecidas por gabinetes de curiosidades ou quartos das maravilhas. Esses gabinetes eram formados por curiosidades médicas, artefatos e espécimes naturais obtidos da Europa e de regiões geográficas distantes. Eram comuns a venda e a distribuição de peças entre colecionadores, de modo que ainda restam

testemunhos depositados em coleções particulares e modernos museus. Mas, lamentavelmente, antes da introdução do álcool na preservação de espécimes zoológicos e teratológicos, na segunda metade do século XVII, muito material se perdeu.

Diversos naturalistas reuniam material para as coleções, mas não sabiam como ordená-los, catalogá-los ou conservá-los. Em 1565, o médico belga Samuel van Quiccheberg (1529-1567), que era curador de arte ducal de Munique, escreveu *Inscriptiones vel tituli theatri amplissimi* (Quiccheberg, 1565), um manual (Figura 1) que descrevia o gabinete de curiosidades mais apropriado, sendo considerado um dos primeiros guias conhecidos sobre organização de coleções no mundo (Seba, 2017).

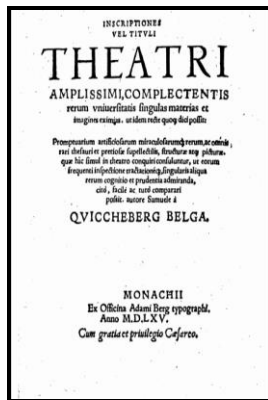


Fig. 1. Frontispício de *Inscriptiones vel tituli theatri amplissimi*, de Samuel van Quiccheberg (1565).

Vários eram os motivos para colecionar: fosse para estímulo intelectual ou para demonstrar riqueza e erudição (Seba, 2017). Entre as primeiras grandes coleções, destacam-se aquelas de Francisco I de Médici (1541-1587), em Florença, montada por volta de 1570 (Seba, 2017) e de Alberto V, Duque da Baviera (1528-1579). Outras também tiveram papel de destaque, entre elas, as dos italianos Ferrante Imperato (1550-1625) (Figura 2), em Nápoles, e de Ulisse Aldrovandi (1522-1605), em Bolonha (Giglioli, 1903; Seba, 2017).



Fig. 2. O Gabinete de Curiosidades do italiano Ferrante Imperato no Palácio Gravina, em Nápoles. Fonte: Imperato (1599).

Em que pesem as iniciativas pioneiras de Francisco I e de outros contemporâneos, o farmacêutico Francesco Calzolari (1522-1600) teria criado em Verona, em 1571, um grande e importante museu renascentista de história natural: o Museu Calceolari (Sorbini, 1989). Possuía seis seções e, segundo catalogação de referência, incluía plantas, corais, crustáceos, peixes, anfíbios, quadrúpedes e aves mumificados (Cerutus & Chiocco, 1622).

Os gabinetes foram fundamentais para o surgimento de áreas específicas do conhecimento e dos museus nacionais. Por exemplo, o gabinete do médico dinamarquês Olaus Worm (1588-1654) é muitas vezes citado como sendo um dos espaços que auxiliaram na instituição da arqueologia pré-histórica (Whitehead, 1971), como testemunhado pelo seu organizado catálogo *Musaeum Wormianum*, de 1655.

Em Londres, o boticário James Petiver (1658-1718) é lembrado pela sua coleção e instruções para coleta e remessa de material. É dele um *Museum Petiverianum* (1695-1703) e um *Gazophylacium Naturae et Artis* (1709). Ambos os catálogos são de grande valia para história da zoologia, haja visto que, no atual *Natural History Museum* (antigo *British Museum of Natural History*) de Londres, encontra-se precioso material conquiológico e entomológico derivado de suas coleções. Este

material foi adquirido pelo médico Hans Sloane (1660-1753), que montou uma das mais representativas coleções britânicas (com 1.500 peixes, 1.100 aves, 5.000 conchas), servindo inclusive de núcleo para a coleção do *Natural History Museum* (Whitehead, 1970, 1971, 1981).

Nos Países Baixos, o médico Bernardus Paludanus (1550-1633) também foi proprietário de uma famosa coleção pioneira (Boeseman, 1997; Engel 1939), tanto que chegou a ser convidado para ser diretor do jardim botânico do Museu de Leiden. Mas os gabinetes mais importantes foram os dos regentes (*Stadtholders*), particularmente da família Oranje-Nassau (1584-1711), famosos pelo intercâmbio de material zoológico das Índias Ocidentais e Orientais (Pieters, 1978), fundando assim zoológicos (*ménageries*) como o de Willem V (1748-1806) (Engel, 1939). Em 1575, o gabinete da Universidade de Leiden foi fundado por Willem I van Oranje (1533-1584). Em 1751, Ana de Hanover (1709-1759) formou um museu para o filho Willem V que chegou a contar com espécimes cedidos por Johan Mauritis van Nassau Siegen (1604-1679), governador-geral do Brasil holandês entre 1637 e 1644, provavelmente coletados por Georg Marcgrave (1610-1644) no nordeste brasileiro (Pieters, 1980; Schuyf, 1727). Boa parte do material a cargo de regentes seria mais tarde saqueado e remetido para o *Muséum national d'Histoire naturelle* de Paris, durante a invasão dos Países Baixos por tropas napoleônicas, em 1794 e 1795).

Ainda nos Países Baixos, foram as coleções do farmacêutico e comerciante Albertus Seba (1665-1736) aquelas que ganharam maior fama em toda a Europa (Boeseman, 1970; Engel, 1937; Engel 1961). Estão entre as maiores e melhor conhecidas. Uma delas, contava com 72 gavetas de conchas, 1.000 insetos europeus e 400 animais fixados (Engel, 1939; Seba, 2017).

Dois coleções de Seba tiveram destino conhecido. Uma foi comprada pelo czar Pedro, o Grande, em 1717, e remetida para São Petersburgo, compondo o museu local. Mas logo ela foi dispersada (Driessen-van het Reve, 2006). A outra, mais expressiva, foi vendida em Amsterdã, em 1752, e distribuída por várias instituições europeias (Boeseman, 1997). Este material serviu de base para o seu influente *Locupletissimi rerum naturalium thesauri accurata descriptio* (Descrição precisa dos muito ricos tesouros dos principais e mais raros objetos naturais), obra em quatro

volumes publicados nos anos de 1734, 1735, 1759 e 1765. Carl Linnaeus (1707-1778) e seu amigo Peter Artedi (1705-1735), estudioso de peixes, trabalharam na coleção de Seba, e vários artistas foram convocados para pintarem as pranchas do *Thesaurus*, como o holandês Louis Frabritius Dubourg (1603-1775). Muitos dos espécimes figurados no *Thesaurus* de Albertus Seba serviram de tipos para Linnaeus no seu *Systema Naturae* (Sistema natural) de 1758 e outras edições.

Durante o Iluminismo, a Europa passou a lidar intensamente com a construção de coleções científicas, o que muito contribuiu para a proliferação de gabinetes de curiosidades particulares e secundariamente para a formação de museus nacionais. O material obtido passou a constar do acervo dos primeiros grandes museus nacionais. É o caso do Museu de São Petersburgo, na Rússia; do Real Museu da Ajuda em Portugal; do *British Museum of Natural History*, de Londres; *Leiden Museum*, nos Países Baixos, e do *Muséum national d'Histoire naturelle*, de Paris, derivado do antigo “*Cabinet du Roi*” (Paul, 2012; Ribeiro 1873). Contudo, o Novo Mundo ainda não tinha um gabinete de curiosidades.

1.2 A Casa de História Natural do Brasil

Diversas expedições isoladas foram realizadas no Brasil Colonial, desde o tempo da “França Antártica” (século XVI), sendo a fauna e a flora retratadas de forma prévia, salvo a exceção do período do Brasil Holandês, no qual *Historia Naturalis Brasiliae* (História natural do Brasil), de 1648, de Willem Pies (1611-1678) e Georg Marcgrave (1610-1644), retratou de forma específica e detalhada a fauna do Nordeste.

A metrópole portuguesa tinha informações confidenciais, por meio de correspondências e relatórios, dos produtos naturais do Brasil, principalmente a partir do século XVIII. Curiosamente, somente após a queda do Marquês de Pombal (1699-1783), durante o reinado de Dona Maria I (1734-1816), é que houve a real intenção lusitana de realizar levantamentos científicos no Brasil. Isto se deu a partir da longa viagem do luso-brasileiro nascido na Bahia, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), entre 1783 e 1792, pelo norte e nordeste brasileiros (Daniel, 2004). Esta viagem gerou conhecimento da história natural, bem como de aspectos econômicos e sociais, que no en-

tanto só foram publicados a partir do final do século XIX. Produtos naturais, como sementes e plantas, o pirarucu e as tartarugas eram remetidos em caixões numerados e depositados no Real Museu da Ajuda (Ferreira, 1786), criado pelo Marquês de Pombal em 1768. As remessas seguiram as *Breves Instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos productos e noticias pertencentes a Historia da Natureza para formar um Museu Nacional*, um manual criado pela Academia das Ciências de Lisboa em 1781, que abordava o modo de coletar e remeter produtos.

A capital da metrópole ainda não contava com um local para expor, processar e armazenar produtos naturais. Daí, a tentativa de reunir espécimes da fauna brasileira, a partir da criação, no Rio de Janeiro, de uma Casa de História Natural pelo 12º vice-rei do Brasil, Luís de Vasconcelos e Sousa (1742-1809). O objetivo principal era o de remeter produtos naturais ao Real Museu da Ajuda e às “Quintas Reaes”, de acordo com as ordens do ministro português Martinho de Melo e Castro (1716-1795) (Carvalho, 1904; Rosa, 1905; Lobo, 1918; Silva Maia, 1851). O vice-rei teve muita dificuldade, pois faltavam recursos para a construção, o que fez com que a obra demorasse. Foi aí que ele teve a ideia de utilizar os prisioneiros da cidade, com a promessa de redução das penas (Sarthou, 1965).

Segundo diversas fontes (Netto, 1870; Seabra & Lacerda Almeida, 1905; Silva Maia, 1851), a casa localizava-se na Rua da Lampadosa (atual Avenida Passos) (Brasil, 2016). Foi construída em cantaria, com blocos de granito, e possuía um espaço destinado para armazenar produtos zoológicos, provenientes das incursões de viajantes, e de aves aquáticas que se alimentavam na lagoa da Polé, como ressaltou o botânico Ladislau Netto:

[...] as aves aquáticas que ora povoão os alagadiços da Praia-Formosa, vinhão então sem receio, adejando, de vô em vô. (Netto, 1870, p. 12)

A maioria destas aves era alvejada a tiros pelos preparadores da Casa de História Natural. As pessoas que passavam pela região viam diversos pássaros sendo arremessados para as janelas da casa, daí o nome popular de “Casa dos Pássaros”, onde:

[...] se preparava e montava animaes, dividindo-os só em familias, sem determinar-se gêneros nem espécies, por não haver então pessoa capaz de os classificar. (Silva Maia, 1851, p. 91)

Por outro lado, João Batista de Lacerda (1846-1915), que foi diretor do Museu Nacional, questionava a utilidade da “Casa dos Pássaros” e as classificações das coleções:

As boas intenções do ilustre Vice-rei não chegaram a realizar-se, si não em parte, com a criação de um gabinete zoológico, que teve duração efêmera. Esse gabinete, que ficou sendo chamado Caza dos Pássaros, expunha somente uma collecção de aves estropeadas, mal preparadas e não classificadas segundo os methodos scientificos. (Seabra & Lacerda Almeida, 1905, p. 3)

Com base na assertiva acima, subentende-se que a “Casa dos Pássaros”, mesmo com a falta de recursos financeiros e de um corpo técnico com conhecimento científico deficiente no que tange à classificação zoológica, teve a intenção de funcionar como um pequeno museu e não somente como um galpão para preparação e remessa de material zoológico (Lopes, 1997; Almeida & Dantas, 2016).

Em um dado momento, o local chegou a ter espécimes vivos da fauna brasileira, entre eles: um urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), dois jacarés (*Caiman sp.*) e algumas capivaras (*Hydrochaeris hydrochaeris*), que depois foram enviados ao Real Museu da Ajuda (Netto, 1870).

Para a direção da Casa de História Natural, foi escolhido o catariense Francisco Xavier Cardoso Caldeira (? – 1810), o “Xavier dos Pássaros”, alcunha recebida devido ao talento com penas de pássaros, utilizados na ornamentação de um dos pavilhões do “Passeio Público” no Rio de Janeiro (Andrade, 1999; Boiteux, 1918; Macedo 1942). O pouco que se sabe da biografia de Xavier é que nasceu na freguesia da Lagoa, em Santa Catarina. Era descendente de Francisco Luís Caldeira e da família Pereira Cardoso. Os tios Brás Cardoso e Francisco Pereira Cardoso faziam parte da Irmandade Senhor do Passos e eram vigários nas freguesias da Lagoa e de Santo Antônio das Necessidades (Santos, 1942). Os dons artísticos com foram ensinados pela família Silva Mafra, o que, provavelmente, chamou a atenção do Mestre Valentim (1745-1813), que o indicou para o mencionado trabalho artístico realizado no Rio de Janeiro. Foi importante como coletor de

espécimes zoológicos, particularmente aves, mamíferos e insetos, e na prática da taxidermia.

A “Casa dos Pássaros” era composta de três serventes, dois auxiliares e dois caçadores. Xavier morava no local e recebia um salário de 540.000 réis, e uma gratificação de 400.000 réis para ensinar aprendizes (Carvalho, 1904; Netto, 1870; Rebello, 1901) conforme consta de documento datado de 11 de março de 1797:

Concedendo a Francisco Xavier Cardoso Caldeira uma pensão vitalícia de 400\$ anualmente para preparar e remeter produções naturais deste país e ensinar alunos que desejem dedicar-se a estas estudos. (Rebello, 1901, p. 327)

Recebeu também 60 feixes de lenhas por mês, duas arrobas de velas de cera e 12 medidas de azeite por trimestre para iluminação do recinto onde trabalhava (Sarhou, 1965).

As técnicas de taxidermia já eram dominadas e refinadas por Xavier, que trabalhava, até mesmo depois de meia-noite, com intuito de aproveitar a pele antes da sua decomposição. No preparo e na arrumação do material, tinha o auxílio dos serventes do Arsenal da Marinha. Durante 20 anos, Xavier foi diretor do gabinete, acumulando em prateleiras, pássaros e outros animais (Boiteux, 1918). Xavier até mesmo sugeria como deveria ser acondicionado o material.

Em 1782, o espanhol Juan Francisco de Aguirre (1756-1811) teve a oportunidade de conhecer Xavier e observou várias caixas com borboletas, besouros e aves, já prontas para serem embarcadas em navios para a Lisboa, dizendo-lhe Xavier “que o fazia regularmente” (Silva, 1965). O talento de Xavier era reconhecido por Henrique Boiteux (1918) que o qualificava como “obreiro da ciência, que tinha no rosto, como na alma, a contemplativa que só implantar no espírito humano o exame da natureza” (Boiteux, 1918, p. 135).

Xavier faleceu em 1810, deixando como discípulo João de Deus e Mattos (?-?). Aliado a este fato, a partida do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa e o desinteresse do vice-rei sucessor José Luís de Castro (1744-1819), Conde de Resende, acarretaram no fechamento da Casa dos Pássaros em 1813 (Silva Maia, 1851). Provisoriamente, funcionou no local uma oficina de lapidação e, logo depois da demolição, foi erguido o Real Erário (Coaracy, 1988; Santos, 1942).

Dom João VI (1767-1826), preocupado em divulgar o estudo das Ciências Naturais, transferiu, em 6 de junho de 1818, o que restou da Casa de História Natural para o Campo da Aclamação (atual Campo de Santana), instalando-o no antigo casarão pertencente ao Barão de Ubá (1781-1830), e desde 1893 está situada na Quinta da Boa Vista, no Bairro Imperial de São Cristóvão (Silva Maia, 1851, Netto, 1870).

Após o fechamento da “Casa dos Pássaros”, as coleções foram encaixotadas sem cuidado, colocadas a céu aberto, e entregues a dois ajudantes de Luiz Antônio da Costa Barradas (?-?), que assumiu o lugar de Xavier dos Pássaros, após sua morte. Nestas caixas, estavam aproximadamente 1.000 pássaros, sobre os quais Xavier trabalhou ao longo de 20 anos. O italiano Carlo Antonio Napione (1758-1814), o então diretor da Fábrica de Pólvora, ciente da importância deste material, resolveu abrir os caixotes e encontrou, em péssimo estado, cerca de 50 aves e outros animais. Napione acondicionou provisoriamente os exemplares nas prateleiras da antiga Escola de Arsenal do Exército (atual Arsenal de Guerra), ao lado da coleção Mineralógica (Silva Maia, 1851). Devido ao descuido, grande parte do material se perdeu.

2 LOCALIZAÇÃO DA “CASA DOS PÁSSAROS”

Apesar da ampla aceitação do endereço da “Casa dos Pássaros” na atual Avenida Passos, está sendo proposta, através da inspeção de mapas antigos, sua provável localização (Figura 3). Estes mapas, datados de 1760, 1791, 1808 e 1879 (Acervo Digital da Biblioteca Nacional), mostram a sequência histórica do espaço urbano do centro da cidade do Rio de Janeiro. O terreno compreendido, por um lado, entre as ruas do Hospício (atual Buenos Aires) e Rua da Polé (atual Senhor dos Passos), e por outro, entre as ruas de São Jorge (atual Gonçalves Ledo) e a Rua da Lampadosa (atual Avenida Passos), é o da “Casa dos Pássaros”. Com a sua demolição, em 1813, D. João VI mandou construir no local uma oficina de lapidação e, mais tarde, o Real Erário, que se instalou no terreno adjacente outrora ocupado por terreno baldio. O atual Beco do Tesouro separa o que inicialmente foi o terreno da “Casa dos Pássaros” daquele do Real Erário.



Fig. 3. Sequência histórica do espaço urbano do centro da cidade do Rio de Janeiro, para a localização da “Casa dos Pássaros” (asterisco em vermelho indica a sua localização). Em ordem cronológica, da esquerda para direita, acima, a carta do ano 1760 (BN 309972) e a do ano de 1791 (BN 168854); em baixo, a do ano de 1808 (BN 438114) e do ano de 1879 (BN 1360096). BN= Biblioteca Nacional.

A “Casa dos Pássaros” ficava em frente à lagoa da Panela (= Polê), de onde Xavier dos Pássaros e seus auxiliares alvejavam as aves que por ali aterrissavam para taxidermizá-las logo a seguir. Próximo dali, estava a Polé e a forca (possível local de execução do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes), recém-transferida do Largo do Capim, onde esteve desde 1753. Com a compra do terreno em 1816 pela irmandade do Santíssimo Sacramento (que outrora ocupava a Igreja de N. Sa. do Rosário) e aterramento da lagoa, foi aos poucos construída a Igreja do Santíssimo Sacramento, inaugurada em 1859. Posteriormente, os dois lados do beco passaram a pertencer ao Real Erário, com prédios do Tesouro Nacional, Casa da Moeda e do

Tribunal de Contas. Mais tarde, a Escola de Belas Artes foi construída anexa ao Erário, na parte voltada para a Travessa das Belas Artes. Com a demolição da Escola de Belas Artes, em 1938, e do Tesouro Nacional e anexos, em 1943, o espaço deu lugar ao atual estacionamento. E a parte referente ao terreno da “Casa dos Pássaros” está representada por uma sequência de sobrados, adjacente ao Beco do Tesouro, e que termina adiante da Igreja do Santíssimo Sacramento.

3 DOCUMENTOS REFERENTES À IMPORTÂNCIA DE FRANCISCO XAVIER CARDOSO CALDEIRA “O XAVIER DOS PÁSSAROS” COMO TAXIDERMISTA ANTES E DEPOIS DA FUNDAÇÃO DA “CASA DOS PÁSSAROS”

Nos documentos aqui relatados são abordados assuntos relativos a animais taxidermizados por Francisco Xavier Cardoso Caldeira ao Real Museu da Ajuda e as “Quintas Reaes”. Os três documentos são do *Índice da Correspondência da Corte de Portugal com vice-reis do Brasil no Rio de Janeiro de 1763-1808* que consiste em 31 volumes *in folio* sendo 27 originais, e quatro registros e alguns avulsos consultados na Biblioteca Nacional. Acrescentam-se as consultas no Arquivo Nacional, e no site dos Arquivos Históricos Ultramarinos. Os documentos seguem em ordem cronológica.

3.1 Carta do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa ao ministro Martinho de Melo e Castro em 17 de junho de 1783 destacando as habilidades de Francisco Xavier Cardoso Calderia, no ramo da taxidermia, na preparação de novos aprendizes e na fundação de um estabelecimento de História Natural

Com grande satisfação que tenho feito remessas pertencentes a historia natural tem merecido a aprovação de vossa majestade. Logo executaria a ordem de vossa majestade, A preparasao dos pássaros, quadrupedes, Insectos e Peixes, hé feita por Fran^{co} Xavier Cardozo, q', sendo natural da Ilha do S^{ta} Catharina e não tendo habilidade máxima e natural propensão tem chegado a fazer as mesmas preparacoens com tanta delicadeza, e perfeição. A sua habilidade se estende a m^{to} mais, e o seo trabalho nao hé de fornaleiro, ao mesmo tempo q' ele nao tem bens, ou estabelecimen^{to} algum, e só vive de sua habilidad^e.

Ele mesmo ora trabalha com igual presa perfeição, ora vai pelos matos apanhar insectos, e em breves dias trás mais, e melhores, do q' em hum anno todas as muitas pessoas, a q^m tenho encarregado esta diligencia pelos diversos districtos desta capitania. Merece mag^e he fasa hum estabelecim^{to} certo ou dando-lhe algum officio bom com a mercê de poder nomear Serventuário, ou do outro q' modo servida, o q' eu desejo m^{to}, porq' ele trabalha e lhe dar aprendizes q' o ajudem, e posao succeder-lhe, se faltar, acho pela repugnância, q' lhe encontro de ensinar outros, q' daqui a 2 dias lhe tirem o pao ele explica não o tendo certo e seguro.

Prezente remeto huã caixa com borboletas e mais insectos escolhidos cuja colleccão junto há 4 anos, tempo desde o q' tem conservado a primeira, q' se apanharao, o mesmo Francisco Xavier em toda a perfeição se vê. Ele os preparou, e athé foi o inventor da caixa, q', levantando-se-lhe todos os feixos, q' tem nos cantos, e nomeio, se desarma ficando em huã taboa raza, p^a bem q' nela contem. Se bem remeto uma caixa de peixes igualmente preparando tudo pelo dito Fran^{co} Xavier. (Arquivo Nacional, 4,4,5, n^o XXIV)

O documento acima mostra que o vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa já conhecia o talento de Xavier dos Pássaros, antes da fundação da “Casa dos Pássaros” pela ornamentação de um dos pavilhões do Passeio Público, em 1783. O vice-rei destacou também a falta de um local para a preparação de aves que seriam enviadas para o Real Museu da Ajuda, daí a necessidade da criação da “Casa dos Pássaros”. É importante destacar que o vice-rei era um apreciador de história natural, pois tinha uma pequena coleção de produtos naturais (Bernardo, 2013), daí sua preocupação em reunir uma coleção de insetos.

Além disso, é ressaltado o talento de Francisco Xavier Cardoso Caldeira como coletor e taxidermista, autodidata, sendo um dos pioneiros na arte da Taxidermia no Brasil, logo depois praticada por muitos naturalistas brasileiros, entre eles o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (Corrêa Filho, 1939) e o mineiro João Moojen de Oliveira (1904-1985), que trabalhou no Museu Nacional e escreveu em 1943 *Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo*, que aborda aspectos importantes da preparação de diversos espécimes.

Nesse ínterim, na Europa a taxidermia ganhava ênfase no século XVIII com Josef Natterer sênior (?-?) e posteriormente com o seu filho John Natterer (1787-1843) que esteve no Brasil em 1817, na

Comitiva da arquiduquesa Leopoldina de Habsburgo (1797-1826). Assim como Xavier dos Pássaros, Natterer também empalhava aves e mamíferos que até hoje fazem parte do Museu de Viena (Riedl-Dorn, 1999).

Xavier dos Pássaros preocupava-se também com a formação de aprendizes, entre eles João de Deus e Mattos, que herdou o talento do mestre e, desde muito jovem, aprendeu a prática da taxidermia, tendo sido diretor interino do Museu Real (entre 1822-1823 e 1835 e 1837), fundado por Dom João VI (1767-1826). Além de preparador, João de Deus e Mattos acumulou funções de porteiro e guarda no Museu Real, sob a administração do frei José da Costa Azevedo (1763-1822). Teve uma gratificação e passou a ser o responsável pela taxidermia do Museu Real, tendo como ajudante Santos Freire (Netto, 1870).

Embora existam outras formas de conservação dos insetos como em frascos conservantes com álcool e potes (Azevedo Filho, 2005; Gullan & Cranston, 2008), as caixas entomológicas criadas por Xavier dos Pássaros persistem até hoje, sofrendo alterações de acordo com a conveniência, como visto nas coleções de diversos museus, entre eles o Museu Nacional-UFRJ. Para João Moojen:

As preparações taxidérmicas deverão ser acondicionadas em caixas tanto quanto possível à prova da umidade. Caixas de madeira forrada de ferro zincado dão ótimo resultado. (Moojen, 1943, p. 67).

Estas caixas são muito parecidas com as criadas por Xavier dos Pássaros para transportar os insetos. É importante ressaltar que esta é uma primeira tentativa de conservação e transporte do material sem causar danos, pois as caixas preservam os exemplares por muitos anos.

Em relação à remessa de peixes, as *Instruções da Academia de Ciências* de Lisboa definem como deve ser remetido o espécime a partir da morfologia, “escamosos” são de uma forma e os “cetáceos”, aqui incluídos em peixes, de outra. Contudo, aqui não se pode saber como esse material foi preparado, pois não se sabe em qual nível ele se insere.

3.2 Carta do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa a Martinho de Melo e Castro em 16 de fevereiro de 1785, destacando a remessa de 32 espécimes animais em duas caixas para as “Quintas reaes”

Ilmo Ex^{mo}

Tendo recebido as madeiras que constao da relação junto ao navio = Nossa Senhora do Pillar deque hé comandante o piloto Jozé Francisco de Perné o mandei saber deste porto para seguir o seo destino conforme as ordens de sua Mag^{de} dessa corte visto não eu ter recebido algumas a seo respeito.

O sobredito Perné vai entregue de trez Caixas, duas de Quadrupedes, e Passaros, e outra de Insectos; das duas primeiras vai Relação dos nomes com os numeros, aque pertence cada hum delles, e em hũa huma dellas Cobra Coral, que, ainda que me chegou muito mal preparada, não quis deixar de remetter a V. Ex^a.

Naõ tendo perdido nunca o empenho, que Sua Mag^{de} mostra na remessa de Passaros vivos do Brasil, há muito tempo, que apesar das grandes dificuldades, que se apresentaõ, se não tem poupado diligencia alguma para se conseguir este fim. Á forsa do cuidado, e da habilidade de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, tenho conservado entre hum excessivo numero, que tem morrido, cem destes Passaros customados a comer dos mantimentos mais vulgares, e que melhor podem sustentalos em tão longa viagem, e ainda assim me não prometto a felicidade de conseguir hũa coiza, que, sendo tanto do Agrado de Sua Mag^{de}, hé, e será sempre do meo maior empenho. A minha maior esperança na sua conservação consiste em hirem os mesmos Passaros entregues ao zelo, cuidado, e eficacia, que tenho conhecido no sobredito Jozé Francisco de Perné, em tudo, o que se lhe encarrega do serviço de S. Mag^{de}; porisso, não obstante, a escála da Bahia, os não quis fiar de outrem: e estou certo, que, se elles lá não chegarem, será, porque hé, quando não impossivel, sumamente dificultozo. O que posso segurar a V. Exc^a, hé que nunca passageiros forãõ mais bem acomodados á proporção, porque se achaõ em hum viveiro, que mandei construir no lugar mais acomodado do mesmo Navio, muito alegre e com todas as comodidades, que podiaõ occorrer. Com tudo saõ grandes os meos receios, e dezejará já ter hũa noticia agradável, que me livrasse deles. (Arquivo Nacional, 4,4,7, 1785; Vasconcelos e Sousa, 1785)

Relação dos nomes de animais e pássaros que se remeteram para sua majestade.

Em huma caixa	Em outra caixa
Nos 1. Caxinguelê	1. Colhereiro
2. Gato pardo femea	2. Tucano
3. Preguiça femea	3. Gaviaão
4. Cotia	4. Socó de Rio
5. Tatu	5. Quero
6. Cotia	6. Soqua
7. Gato macho pardo	7. Socó do Campo
8. Cotia	8. Preguiça maxo
9. Caxinguelê	9. Jucuruquí
10. Gato Bracaya	10. Frango dagua
11. Cotia	11. Garsa
12. Preá	12. Inhuma
13. Cotia	13. Frango d'água
14. Cotia	14. Garsa
	15. Jucuruqu
	16. Tucano
	17. Tacuára
	18. Picapáu

A carta mostra a remessa, para a D. Maria I, de 15 quadrúpedes (por exemplo, roedores, felinos e pilosos) e 17 aves. Nelson Papavero e Dante Martins Teixeira (2017) elencaram as espécies de aves e mamíferos remetidas nestas duas caixas. A remessa de quadrúpedes e aves foi provavelmente numerada seguindo as *Instruções da Academia das sciencias de Lisboa* que:

Recomenda-se aos mesmos correspondentes, que dentro de cada um dos caixões, ou bocetas mandem huma relação exata de todas as coisas que contém. Supondo que cada uma das especies venham acomodadas separadamente, e distintas com números diversos na relação debaixo dos mesmos, o nome tanto indigeno, como estrangeiro da espécie, e o nome como costumão distinguir os naturalistas... (Academia das Sciencias de Lisboa, 1781, p. 38)

Todos os exemplares estão como os nomes comuns, sendo a maioria indígenas como a cotia, colhereiro, tucano. Contudo, não estão

separadas por táxons identificáveis, já que um exemplar de preguiça macho foi enviado na caixa de aves.

3.3 Carta do secretário de Estado D. Rodrigo de Souza Coutinho a José Luís de Castro, o Conde de Resende, em 22 de janeiro de 1798, sobre a pensão vitalícia de Francisco Xavier Cardoso Caldeira pelos serviços prestados

Il^{mo} Ex^{mo} Snr

Francisco Xavier Cardozo Caldeira que em observância do Avizo que de VEx^a com data de 11 de marco do anno próximo passado fica beneficiado com a Pensao vitalícia de quatrocentos mil reis por ano, e pôde nesta occaziaio preparar cento e oitenta e dois passaros incluzos nas dous caixas de marca R que fez embarcar com a Nao Vasco da Gama para ser entregues nesta Corte a ordem de vossa VEx^a. (Castro, 1798)

A carta mostra que os 182 pássaros taxidermizados e remetidos por Francisco Xavier Cardoso Caldeira certamente também contribuiu para uma pensão vitalícia, como reconhecimento ao seu esforço de ter preparado mais de mil exemplares (Lobo, 1918) e serviço prestado num campo pouco conhecido no Brasil.

4 CONCLUSÕES

Francisco Xavier Cardoso Caldeira desenvolveu a prática da Taxidermia no Brasil, antes de Alexandre Rodrigues Ferreira e do austríaco Joahnn Natterer (1787-1843). Mesmo autodidata, seu trabalho foi reconhecido como competente pela Corte portuguesa. Pelo seu pioneirismo e talento, Francisco Xavier Cardoso Caldeira ocupa lugar proeminente na história da taxidermia no Brasil.

A “Casa dos Pássaros” era mais do que um simples galpão, tendo em vista a intensa atividade curatorial e tentativas incipientes de exposição de material zoológico. Isto consolida a sua posição de primeiro Gabinete de História Natural das Américas. O prédio localizava-se em um terreno de frente para a atual Igreja do Santíssimo Sacramento e adjacente a um terreno baldio no qual seria construído inicialmente o Real Erário.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às secretárias da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) e do Arquivo Nacional (AN), pela consulta aos manuscritos. Ao auxiliar Fábio Thomas e à arquivista Iliana Ferreira Monteiro, ambos do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), pelo auxílio de grande valia. À bibliotecária Patrícia Régis do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGB/SC), pelo fornecimento do manuscrito sobre Xavier dos Pássaros. A terceira autora agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Proc. 303492/2016-3, Bolsa de Produtividade em Pesquisa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA. *Breves Instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes a História da Natureza para formar um Museo*. Lisboa: Regia officina Tyhographica, 1781.
- ALMEIDA, José Mario de; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Casa dos Pássaros, precursor de um museu de História Natural ou apenas local de preparação de material zoológico a ser enviado para Portugal. *9º Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia*. Rio de Janeiro, 2016. Pp. 1-8, in: *Caderno de Resumos*. Rio de Janeiro: HCTE/UFRJ, 2016.
- ANDRADE, Jorge. *Passeio público: paixão de um vice-rei*. Rio de Janeiro: Editora Literis, 1999.
- ARQUIVO NACIONAL. *Índice de correspondência da corte de Portugal com os vice-reis do brasil com a corte de Portugal*. São Paulo: Biblioteca Nacional, 1763-1807. 31 vols.
- AZEVEDO FILHO, Wilson Sampaio de. *Técnicas de coleta e identificação de insetos*. 2. ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2005.
- BERNARDO, Luís Miguel. *Cultura Científica em Portugal: uma perspectiva histórica*. Porto: Universidade do Porto Editorial, 2013.
- BOESEMANN, Marinus. The vicissitudes and dispersal of Albertus Seba's zoological specimens. *Zoologische Mededelingen*, **44** (13): 177-206, 1970.
- . Collectors and Fish Collections of the Rijksmuseum van Natuurlijke Historie in Leiden, Netherlands (1820-1980). Pp.81-100, in:

- PIETSCH, Theodore W.; ANDERSON, William D. (eds.) *Collection Building in Ichthyology and Herpetology*. Special Publication Number 3. Lawrence: American Society of Ichthyologists and Herpetologists, 1997.
- BOITEUX, Henrique. Mestre Valentim e a arte Catharinense. *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, 7 (1): 98-102, 1918.
- BRASIL, Gérson. *História das Ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bem te vi, 2016. (Coleção cidade do Rio de Janeiro)
- CARVALHO, Sérgio de. O Museu Nacional. *Revista Kosmos*, 1 (7): 34-38, 1904.
- CASTRO, José, Luís de. Ofício [do vice-rei do Brasil], Conde de Resende, [D. José Luís de Castro], ao [secretário de Estado Marinha e Ultramar] D. Rodrigo de Sousa Coutinho, remetendo 182 pássaros ao reino, na nau Vasco da Gama preparados por Francisco Xavier Cardoso Caldeira, informando o aviso que beneficia este com uma pensão anual. *Arquivos Históricos Ultramarinos* CU_17 cx164, D.12217, 1798.
- CERUTUS, Benedictus; CHIOCCO, Andrea. *Musaeum Calceolarianum Veronese. Musaeum Franc. Calceolari Iun. Veronensis a Benedicto Ceruto medico inceptum et ab Andrea Chiocco med. physico excell. collegii luculenter descriptum et perfectum*. Verona: Typographia de Verona, 1622.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo: Itatiaia Ltda., 1988.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e obra do grande naturalista brasileiro. *Brasiliana*, 5 (144): 1-228, 1939.
- DANIEL, João. *Padre João Daniel 1722-1776. Tesouro Descoberto do Rio Amazonas*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DRIESSEN-VAN HET REVE, Jozien Jan. *De Kunstkamera van Peter de Grote. De Hollandse inbreng, gereconstrueerd uit brieven van Albert Seba en Johann Daniel Schumacher uit de jaren 1711-1752*. Hilversum: Verloren, 2006.
- ENGEL, Hendrik. The life of Albert Seba. *Sevenska Linné-Sällskapetets Arsskrift*, 20: 75-100, 1937.

- . Alphabetical List of Dutch Zoological Cabinets and Menageries. *Nieuwe Nederlandse Bijdragen tot de Geschiedenis der Geneeskunde en der Natuurwetenschappen*, **19**: 10-24, 1939.
- . The sale-catalogue of the cabinets of natural history of Albertus Seba (1752), a curious document from the period of the *natura curio*. *Bulletin of the Research Council of Israel* **10B**: 119–131, 1961.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Memória sobre as tartarugas que foram preparadas e remetidas nos caixões nº1 até o nº7 da primeira remessa. Barcelos. 3/03/1786. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. Arquivos digitais da Biblioteca Nacional, Divisão de Manuscritos, volume 21:1 p.18, 1786.
- GIGLIOLI, Italo. The Herbarium of Ferrante Imperato at Naples. *Nature*, **29**: 296, 1903.
- GULLAN, Phillipe; CRANSTON, Peter. *Os insetos: um resumo de entomologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2008.
- IMPERATO, Ferrante. *Historia Naturale*. 2. ed. Venetia: Maria Ferro, 1599.
- LOBO, Bruno. O Museu Nacional de História Natural. *Archivos do Museu Nacional*, **22**: 16-26, 1918.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942.
- MAYOR, Adrienne. *The first fossil hunters*. Princeton: Princeton University, 2000.
- MOOJEN, João. *Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- NETTO, Ladislau. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial Nacional do Rio de Janeiro. Acompanhadas de uma breve notícia de suas colleções e publicadas por ordem do Ministério da Agricultura*. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.
- PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. Remessas de animais da Bahia, do Maranhão, do Espírito Santo e do Rio de Janeiro para as Quintas Reais de Lisboa (1762 1807). *Arquivos de Zoologia*, **48** (1): 1-35, 2017.

- PAUL, Carole. *The first modern museums of art: the birth of an institution in 18TH and early 19TH Century Europe*. Los Angeles: Library of Congress & Getty Publications, 2012
- PIES, William; MARCGRAVE, Georg. *Historia naturalis Brasiliae ...: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Amsterdam: Ludgun Batavorum, 1648.
- PIETERS, Florence. Diergaarden in de Nederlanden 1750-1850 en hun betekenis voor de zoölogie. Pp. 51-72, in: *Acta Octavi Conventus Historiae Scientiae Medicinae Matheseos Naturaliumque Excolendae, Bergae ad Zoman*. Amsterdam: Meesters, 1978.
- . Notes on the *menagerie* Stadholder William V of Aernout Vosmaer. *Journal of the Society for the Bibliography of Natural History*, 9 (4): 539-563, 1980.
- QUICCHENBERG, Samuel von. *Inscriptiones vel Tituli Theatri Amplissimi*. Monachii: Oficina Adam Ber Typographi, 1565.
- REBELLO, Pedro Velloso. *Índice de correspondência da corte de Portugal com os vice-reis do Brasil de 1763-1807*. São Paulo: Biblioteca Nacional, 1901.
- RIBEIRO, José Silvestre. *História dos estabelecimentos científicos, artísticos e literários de Portugal nos sucessivos reinados da Monarchia*. Tomo III. Lisboa: Typographia da Real Academia de Sciencias, 1873.
- RIEDL-DORN, Christa. *John Natterer e a Missão Austríaca para o Brasil*. Petrópolis: Index, 1999.
- ROSA, Henrique Ferreira da. *Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1905.
- SANTOS, Francisco Marques dos. Artistas no Rio de Janeiro Colonial: Francisco Xavier Cardoso Caldeira (Xavier dos Pássaros). *Anais do Terceiro Congresso de História Nacional*, 8: 504-506, 1942.
- SARTHOU, Carlos. *Relíquias da cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1965.
- SCHUYL, Florentius. *Catalogus van alle de principaalste Rariteiten die op de Anatomie-Kamer, binnen de Sdat Leiden vertoond worden*. Leiden: D. Vander Boxe, 1727.
- SEABRA, José; LACERDA ALMEIDA, João Batista de. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Recordações Históricas e Científicas fun-*

- dadas em documentos authenticos e informações verídicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
- SEBA, Albertus. *Cabinet of Natural Curiosities. Locupletissimi rerum naturalium thesauri 1734-1765*. Berlin: Taschen Bibliotheca Universalis, 2017.
- SILVA, Fernando Nascimento. *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos*. Rio de Janeiro: Record, 1965.
- SILVA MAIA, Emílio Joaquim da. Esboço Histórico do Museu Nacional, servindo de introdução a trabalhos sobre as principais espécies zoológicas do mesmo estabelecimento. Pp. 90-99, in: BIBLIOTECA GUANABARENSE. *Trabalhos da Sociedade Velosiana*. Rio de Janeiro: Sociedade Velosiana, 1851.
- SORBINI, Lorenzo. *I Fossili di Bolca*. Verona: La Graphica, 1989.
- VASCONCELOS E SOUSA, Luís de. (16 de fevereiro). Ofício do [vice-rei do Estado do Brasil], Luís de Vasconcelos e Sousa, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a madeira e pássaros transportados no navio Nossa Senhora do Pilar, de que é comandante José Francisco de Perne; bem como os cuidados a ter no transporte das aves. *Arquivos Históricos Ultramarinos*, CU_017, Cx. 125, D. 10.025, 1785.
- WHITEHEAD, Peter James Palmer. Museums in the history of zoology. *Museums Journal*, **70** (2): 50-57, 1970.
- . Museums in the history of zoology. *Museums Journal*, **70** (4): 155-160, 1971.
- . *The British Museum (Natural History)*. London: Summerfield Press & Phillip Wilson Publishers, 1981.

Data de submissão: 18/04/2018

Aprovado para publicação: 21/05/2018